

FEBRAP - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA
CASA DO ENCONTRO – ESPAÇO TERAPÊUTICO E DE FORMAÇÃO EM
PSICODRAMA DE FRANCA
FORMAÇÃO EM PSICODRAMA - NÍVEL 2

ANA GABRIELA ROSA DE ANDRADE ASEVEDO

RELATO DE UMA AULA VIVENCIADA: Do Palco À Palavra - A Escrita
Psicodramática como Resistência Epistemológica Decolonial

FRANCA / SP

2025

ANA GABRIELA ROSA DE ANDRADE ASEVEDO

RELATO DE UMA AULA VIVENCIADA: Do Palco À Palavra - A Escrita
Psicodramática como Resistência Epistemológica Decolonial

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 2), da Casa Do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco socioeducacional.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

FRANCA / SP

2025

ANA GABRIELA ROSA DE ANDRADE ASEVEDO

RELATO DE UMA AULA VIVENCIADA: Do Palco À Palavra - A Escrita
Psicodramática como Resistência Epistemológica Decolonial

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 2), da Casa Do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco socioeducacional.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Franca, 09 de dezembro de 2025.

Orientadora: _____

Nome: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinadora: _____

Nome: Profa. Dra. Angélica Teixeira Gomes

Instituição:

Examinador: _____

Nome:

Instituição:

Examinador: _____

Nome:

Instituição:

Autora/Diretora: Ana Gabriela Rosa de Andrade Asevedo¹

Ego/coautora: Maria Clara Defendi Feliciano²

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Coorientador: Profa. Dra. Angélica Teixeira Gomes

Instituição de Formação: Casa do Encontro – Espaço Terapêutico de Formação em Psicodrama

Evento: EPCO – Encontro de Psicodrama e Comunidade: *Travessias Grupais nas Políticas Públicas, Clínica e Organizações* (20/09/2025, UniFACEF)

Modalidade: Aula Vivenciada

Eixo Temático: Educação

Nível de Formação: Psicodrama Nível I (concluído, certificação FEBRAP em 2025) | Formação em andamento – Nível II

Resumo

Este artigo apresenta o relato de uma aula-vivenciada realizada no EPCO – Encontro de Psicodrama e Comunidade, em setembro de 2025, na UniFACEF - Centro Universitário Municipal de Franca, SP. A proposta, intitulada *Do Palco à Palavra*, teve como objetivo explorar a escrita criativa como expressão simbólica e metodológica do Sociodrama, utilizando o conto *A Viagem de Rosa* como recurso de fantasia dirigida. Fundamentada na teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno e articulada a perspectivas decoloniais e autoetnográficas, a experiência buscou integrar corpo, emoção e palavra como formas de elaboração e resistência epistemológica. Participaram aproximadamente 25 pessoas, entre estudantes e profissionais, em um processo que envolveu aquecimento sociométrico, leitura de trechos do conto / fantasia dirigida, esculturas corporais, exercícios de solilóquio e compartilhamento grupal através da expressão escrita e da expressão verbal. Os resultados indicaram a potência da escrita criativa como dispositivo de contato com a realidade suplementar e como ferramenta de ressignificação individual e coletiva. Conclui-se que o Psicodrama, ao integrar ciência, arte e vida, legitima saberes subjetivos e amplia as possibilidades pedagógicas e terapêuticas em contextos educativos e comunitários.

Palavras-chave: Psicodrama; Escrita Criativa; Decolonialidade; Autoetnografia; Vivência.

¹ Psicóloga, Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional, Psicodramatista Nível I pela Casa do Encontro – Espaço Terapêutico de Formação e FEBRAP.

² Psicóloga, em formação em Psicodrama Nível I pela Casa do Encontro – Espaço Terapêutico de Formação.

1. INTRODUÇÃO

A aula-vivência *Do Palco à Palavra* emergiu de um processo formativo no Psicodrama em que a experiência corpórea e a escrita criativa se entrelaçaram como vias de elaboração simbólica. O conto *A Viagem de Rosa*, criado como desdobramento autoetnográfico do meu percurso formativo, especialmente da travessia do luto materno, transformou-se em dispositivo metodológico e poético capaz de acessar a realidade suplementar e mobilizar imagens internas.

O conto, inicialmente parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que resultou na certificação de Nível I pela FEBRAP (2025), transformou-se posteriormente no eixo condutor dos aquecimentos desta aula-vivencial apresentada no encontro de Psicodrama e Comunidade - EPCO. A escolha desse tema teve como propósito demonstrar outras possibilidades de construção do saber no campo do Psicodrama, por meio da autoetnografia e da escrita criativa/arte como formas legítimas de produção de conhecimento e resistência epistemológica.

O Psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno (1946, 1992), fundamenta-se nos conceitos de espontaneidade, criatividade, conserva cultural e realidade suplementar. A espontaneidade-criatividade constitui o núcleo vital de transformação, permitindo ao indivíduo reencontrar sua centelha de vida e construir sua existência de modo autêntico. Zerka Moreno (2001) amplia essa compreensão ao reconhecer a potência das linguagens não verbais, como a música, a dança e as artes plásticas, para acessar dimensões profundas da subjetividade, integrando corpo e emoção na produção de sentido.

A perspectiva decolonial oferece um contraponto ao epistemicídio moderno (SANTOS, 2019), propondo a valorização de saberes periféricos e subjetivos (MIGNOLO, 2017; RIBEIRO, 2023). Nesse contexto, a escrita criativa se configura como um ato de resistência epistemológica, ao afirmar uma ciência plural, sensível e encarnada, que reconhece a experiência como fonte legítima de saber.

A autoetnografia, compreendida como uma narrativa pessoal que se conecta a questões culturais mais amplas (ELLIS, 2004; BOCHNER, 2001), legitima a subjetividade como via de produção de conhecimento. Na prática psicodramática, a escrita se torna uma extensão do palco: uma cena simbólica em que experiências são rematizadas pela palavra/arte, como apontam Lopes (2004) e Vasconcelos et

al. (2023) ao defenderem a integração entre ciência e poesia como forma de expandir a compreensão da experiência humana.

A imersão no Psicodrama marcou uma virada profunda na minha relação com a escrita: ela passou a emergir de cenas imagéticas advindas cheias de sentido, que se transformaram em palavras apenas depois de vividas. Assim como no Psicodrama as cenas emergem da realidade suplementar e são rematrizadas pela dramatização, na escrita essas imagens internas se expressam simbolicamente, reorganizando a experiência e abrindo espaço para novas formas de existir.

Esse processo pode ser compreendido como uma dobra subjetiva conceito inspirado em Deleuze e Guattari (1995) que descreve o movimento de interiorização e expansão, em que o vivido se volta sobre si, se reinventa e se projeta em outra dimensão simbólica. Escrever, nesse contexto, é um ato de recriar a realidade, reencontrando a centelha divina, o potencial sagrado de construir a própria existência com espontaneidade e criatividade, como sonhava Moreno.

A realização desta aula-vivenciada teve como propósito demonstrar, na prática, a potência das metodologias vivenciais do Psicodrama/Sociodrama e evidenciar que a produção de conhecimento pode emergir da arte, do corpo, da emoção e da experiência sensível de elementos constitutivos deste relato de experiência. A proposta configurou-se como um movimento de dentro para fora, desdobramento natural do meu próprio percurso psicodramático, no qual escrita criativa, conto e cena se entrelaçam como formas de compreender e transformar o vivido. Assim, a vivência constituiu-se como ponte entre teoria e prática, articulando saber acadêmico e saber experiencial, e reafirmando que criar no palco, na palavra ou na vida é também um ato de conhecer, resistir e reinventar-se.

2. Objetivos da Aula-Vivenciada

- Promover o contato com a realidade suplementar por meio de fantasia dirigida através da leitura do conto *A Viagem de Rosa*.
- Explorar a escrita criativa/arte como desdobramento simbólico e ato de resistência epistemológica, afirmando a arte como via legítima de produção de conhecimento no Psicodrama.
- Estimular a integração entre corpo, emoção e palavra, favorecendo o surgimento da espontaneidade e da criatividade como caminhos de expressão, transformação e rematização da experiência.
- Compartilhar a trajetória pessoal e formativa no Psicodrama como recurso pedagógico, demonstrando a possibilidade de articular teoria, vivência e escrita em um processo autoetnográfico.
- Demonstrar a aplicabilidade das metodologias psicodramáticas na educação e na pesquisa, articulando a autoetnografia e a pesquisa-ação de base psicodramática decolonial como caminhos integradores entre arte e ciência, propondo a experiência vivida e a criação estética como formas legítimas de construção de saberes decoloniais, sensíveis e humanizados.

3. METODOLOGIA DA AULA-VIVÊNCIA

A metodologia adotada nesta aula-vivência fundamentou-se nos princípios do Sociodrama, modalidade psicodramática destinada à exploração coletiva de temas, papéis sociais e dinâmicas grupais (MORENO, 1992; BUSTOS, 1980) e compõe um relato de experiência.

A vivência foi conduzida com um grupo de aproximadamente 25 participantes do Encontro de Psicodrama e Comunidade (EPCO/2025), evento no qual os inscritos podiam escolher livremente as experiências psicodramáticas que desejavam participar, constituindo assim um grupo formado por afinidade temática e disponibilidade interna.

O grupo era majoritariamente composto por estudantes de Psicologia, além de profissionais e participantes com distintos níveis de familiaridade com o Psicodrama. Embora alguns já tivessem participado de atividades introdutórias, a maior parte encontrava-se em etapa inicial de aproximação com a metodologia. Diante disso, a condução da aula-vivenciada exigiu a construção de um percurso que integrasse acolhimento, segurança emocional e clareza técnica, garantindo acessibilidade aos fundamentos psicodramáticos e, ao mesmo tempo, sustentando a profundidade experiencial.

O percurso metodológico foi planejado para favorecer a formação de uma base grupal coesa por meio do aquecimento inespecífico e sociométrico, avançando gradualmente para procedimentos de dramatização simbólica, modalidade que mobiliza o “palco interno” (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988) e culminando no compartilhamento, etapa destinada à elaboração e integração da experiência. Essa organização buscou garantir um acesso ético, progressivo e cuidadoso à realidade suplementar, permitindo que a vivência se desenvolvesse de modo coerente com o propósito pedagógico da proposta e com os fundamentos da prática psicodramática.

3.1 RECURSOS UTILIZADOS

- Texto ficcional: “*A Viajem de Rosa*”, desdobramento criativo do TCC apresentado à FEBRAP (certificação Nível I).

- A leitura dos trechos de *A Viagem de Rosa* foi conduzida de maneira afetiva e vivencial, partindo das profundezas da própria diretora e evocando as etapas simbólicas que podem ser vivenciadas por qualquer grupo em formação: o chamado à mudança, a travessia das sombras, o reencontro com o amor e a elaboração coletiva que floresce no cuidado mútuo. Assim, o conto se transformou em um dispositivo metodológico e poético, convidando o grupo a acessar a realidade suplementar e a cocriar, no aqui-agora, novos significados para suas próprias travessias.
- Espaço cênico com projeção de slides, música ambiente e objetos simbólicos (pétalas e papéis).
- Método sociodramático: aquecimento, dramatização simbólica, escrita criativa e compartilhamento grupal.

3.2 DESENVOLVIMENTO DA VIVÊNCIA

1ª Etapa: Aquecimento inespecífico inicial (quebra-gelo).

Os participantes foram convidados a formar um grande círculo, permanecendo em posição de disponibilidade e escuta para realizar uma apresentação simbólica de si mesmos por meio de um objeto. A consigna orientava que cada pessoa escolhesse um objeto que a simbolizasse naquele momento, representando algo fundamental de sua identidade, estado interno ou modo de estar no mundo.

Esse procedimento favoreceu:

- o acesso a uma linguagem estética e imagética;
- a ativação da espontaneidade e da criatividade;
- o estabelecimento de uma escuta télica entre os integrantes;
- a preparação do grupo para transitar entre realidade concreta e realidade suplementar.

2ª Etapa: Aquecimento inespecífico sociometria - aproximações afetivas.

Ainda em círculo, os participantes foram convidados a vivenciar uma dinâmica de aproximação sociométrica. Um por vez, cada integrante deslocava-se para o centro e enunciava uma frase afirmativa sobre si, ligada a aspectos de sua história,

identidade ou experiência. As afirmações emergiam de forma espontânea, tais como: “Eu adoro animais.”; “Eu tenho filhos.” ; “Eu sou de Franca.”; “Eu conheço o Psicodrama.”; “Eu já participei de vivências.”; “Conheço alguns participantes.”.

Cada vez que uma afirmação era enunciada, todos aqueles que se identificavam com a frase avançavam em direção ao centro do círculo e abraçavam a pessoa que havia se manifestado. Em algumas afirmações, formavam-se verdadeiras rodas de abraço, revelando afinidades múltiplas e conexões afetivas compartilhadas.

A sociometria é entendida como o método capaz de revelar, mapear e transformar as escolhas, rejeições, atração, repulsões e afinidades que estruturam a dinâmica emocional de um grupo. Para Moreno (1946/1992), a sociometria é “o estudo das inter-relações humanas” e tem como objetivo tornar visíveis os vínculos invisíveis que organizam o campo relacional. A aplicação desse procedimento buscou ampliar a percepção grupal, fortalecer vínculos iniciais e favorecer o estabelecimento de uma rede télica, entendida como o encontro genuíno entre pessoas que se percebem mutuamente. Assim, inspirada nesses princípios, a atividade foi conduzida de forma corporal, dinâmica e afetiva, permitindo que o grupo experienciasse, no aqui-e-agora, movimentos espontâneos de aproximação e reconhecimento.

Esse procedimento permitiu:

- visualizar sociometricamente as proximidades afetivas e pontos de identificação dentro do grupo;
- criar um clima de acolhimento, espontaneidade e confiança;
- fortalecer o sentimento de pertencimento;
- preparar o coletivo para vivências mais profundas, favorecendo o acesso posterior à realidade suplementar.

3ª Etapa: Aquecimento específico através da Fantasia Dirigida - leitura de trechos do conto “*A Viagem de Rosa*”, intercalada com instruções corporais, solilóquios e esculturas.

Embora não tenha ocorrido a dramatização clássica de cenas externas, a vivência utilizou uma dramatização simbólica, modalidade reconhecida na prática psicodramática como forma de mobilizar o “palco interno” (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Essa etapa consistiu em:

- movimentos guiados que representavam a travessia (cidade, estação, túnel);
- encontros imagéticos com personagens internos, com destaque para a figura materna;
- vivências grupais e individuais ancoradas nas imagens evocadas pela leitura do conto.

Trata-se de um procedimento que opera no campo do psicodrama interno compartilhado, no qual a ação dramática se desdobra sobretudo no nível simbólico, sustentada pela fantasia dirigida e pelo corpo como cena, recurso amplamente reconhecido por sua capacidade de acessar a realidade suplementar e produzir rematrizações subjetivas (MORENO, 1992; GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

4ª Etapa: Aquecimento específico através da escrita/arte criativa - desdobramento subjetivo .

Como continuidade simbólica da travessia, cada participante foi convidado a escolher uma pétala/ folha de papel. A consigna orientava que, a partir das imagens internas despertadas ao longo da vivência, cada pessoa escrevesse de forma livre palavras-centelha, expressão sintética do que havia emergido da experiência.

Essa escrita não tinha finalidade estética colonizante nem exigia compartilhamento. Funcionava como ato íntimo de elaboração, permitindo que cada participante transformasse afetos em significado sem a mediação do olhar externo. As palavras-centelha criada tornavam-se, assim, um mandato poético de continuidade, guardado como símbolo de transformação subjetiva e rematrização interna.

5ª Etapa: Compartilhamento e Síntese Simbólica – Transição para o Campo Teórico

Seguiu-se para etapa de compartilhamento onde cada participante ia até o centro da sala e plantava um gesto, palavra, frase de cuidado coletivo, compondo um Jardim Coletivo, imagem estética da rematrização grupal.

Essa etapa cumpriu funções metodológicas essenciais:

- transformar a vivência em forma simbólica;
- integrar o grupo por meio do cuidado;

- preparar o campo afetivo e cognitivo para a reflexão teórica.

O compartilhamento operou, assim, como ponte entre experiência e conhecimento, mostrando ao grupo, antes da explicação conceitual que a arte, a escrita e a imagem interna podem gerar elaboração, desdobramentos e constituir formas de saber.

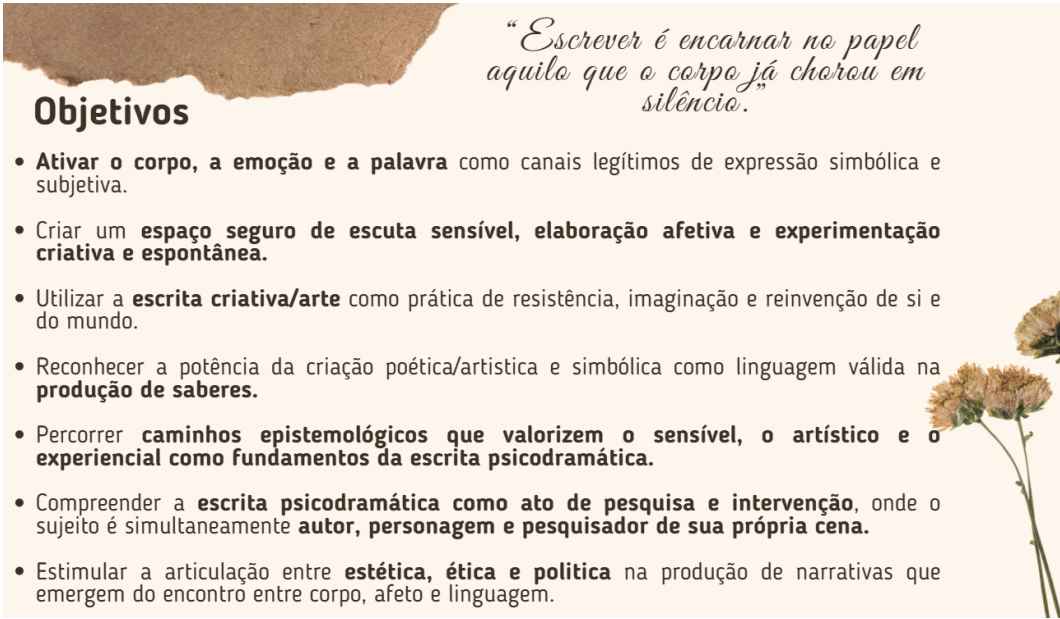
Esse processo criou as condições necessárias para a aula seguinte, dedicada a compreender a escrita como dobra subjetiva, a arte como método e o papel da experiência vivida na produção de conhecimento em Psicodrama.

3.3 DESENVOLVIMENTO DA AULA: DO AQUECIMENTO À CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Após o compartilhamento, a aula avançou para os conteúdos teórico-práticos, apresentados por meio dos slides que delinearam a tessitura da vivência.

Cada eixo abordado foi entrelaçado com a experiência do grupo e com a própria trajetória da diretora, em um diálogo constante entre teoria e prática, arte e ciência.

1. Objetivos da aula: investigar a escrita criativa como expressão simbólica no Psicodrama e como possibilidade de resistência epistemológica conforme apresentado no slide abaixo:



“Escrever é encarnar no papel aquilo que o corpo já chorou em silêncio.”

Objetivos

- Ativar o corpo, a emoção e a palavra como canais legítimos de expressão simbólica e subjetiva.
- Criar um espaço seguro de escuta sensível, elaboração afetiva e experimentação criativa e espontânea.
- Utilizar a escrita criativa/arte como prática de resistência, imaginação e reinvenção de si e do mundo.
- Reconhecer a potência da criação poética/artística e simbólica como linguagem válida na produção de saberes.
- Percorrer caminhos epistemológicos que valorizem o sensível, o artístico e o experiencial como fundamentos da escrita psicodramática.
- Compreender a escrita psicodramática como ato de pesquisa e intervenção, onde o sujeito é simultaneamente autor, personagem e pesquisador de sua própria cena.
- Estimular a articulação entre estética, ética e política na produção de narrativas que emergem do encontro entre corpo, afeto e linguagem.

Figura 1 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

2. Minha Trajetória no Psicodrama: Foi compartilhado o percurso formativo entre 2019 e 2025, destacando o nascimento do conto *A Viagem de Rosa* como expressão simbólica da formação e como material autoetnográfico. A narrativa foi apresentada como um espelho da travessia psicodramática, demonstrando como o vivido se transformou em palavra e a palavra, novamente, em vivência.
3. “Escrever era algo que não me pertencia”: Refletimos sobre os traumas e bloqueios da alfabetização tradicional, marcada pela rigidez e pela negação da subjetividade. Com base em Paulo Freire (1970), discutiu-se a educação bancária e suas implicações colonizadoras sobre a escrita e o pensamento. Essa reflexão abriu espaço para o resgate da escrita como ato libertador, criativo e encarnado como ilustrado no slide a seguir:

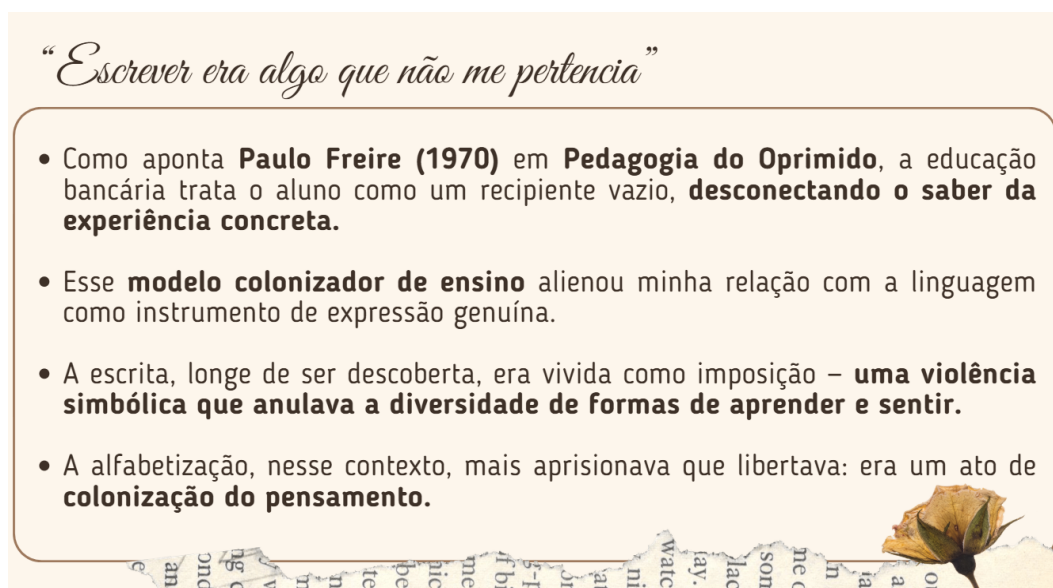


Figura 2 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

4. Espontaneidade e Criatividade em Moreno: Foram revisitados os pilares do Psicodrama, enfatizando a espontaneidade-criatividade como matriz vital de transformação (Moreno, 1946, 1992). Discutiu-se a diferença entre espontaneidade e conserva cultural, e como o contexto social e civilizatório pode limitar ou expandir o potencial criador elucidado através do slide abaixo :

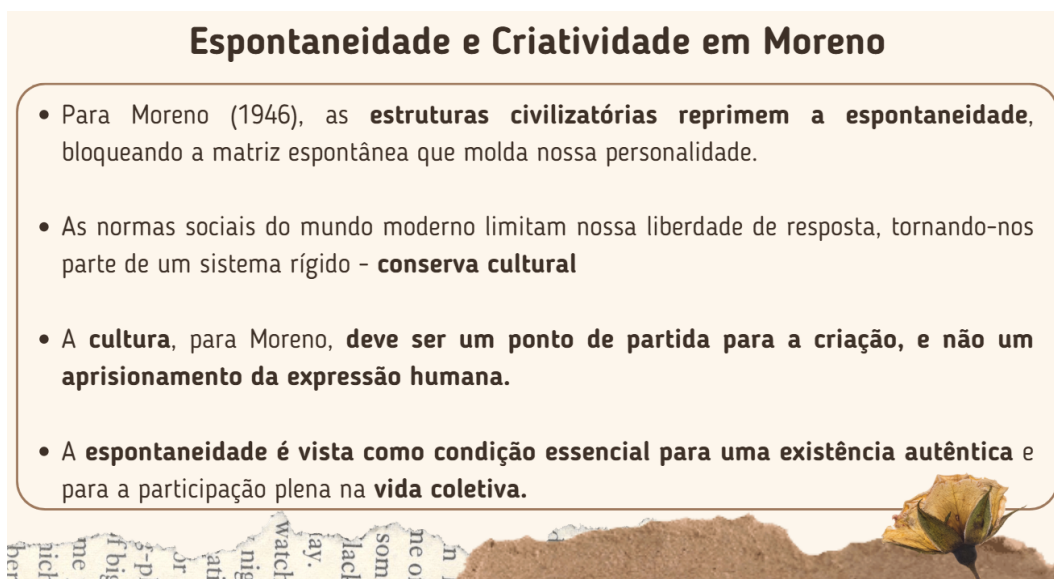


Figura 3 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

5. Integração de Espontaneidade e Criatividade: Abordou-se a saúde psicodramática como a capacidade de viver o presente com autenticidade e criar respostas novas diante de velhas situações. A vivência corporal anterior foi retomada como exemplo prático dessa integração de acordo com o slide subsequente:

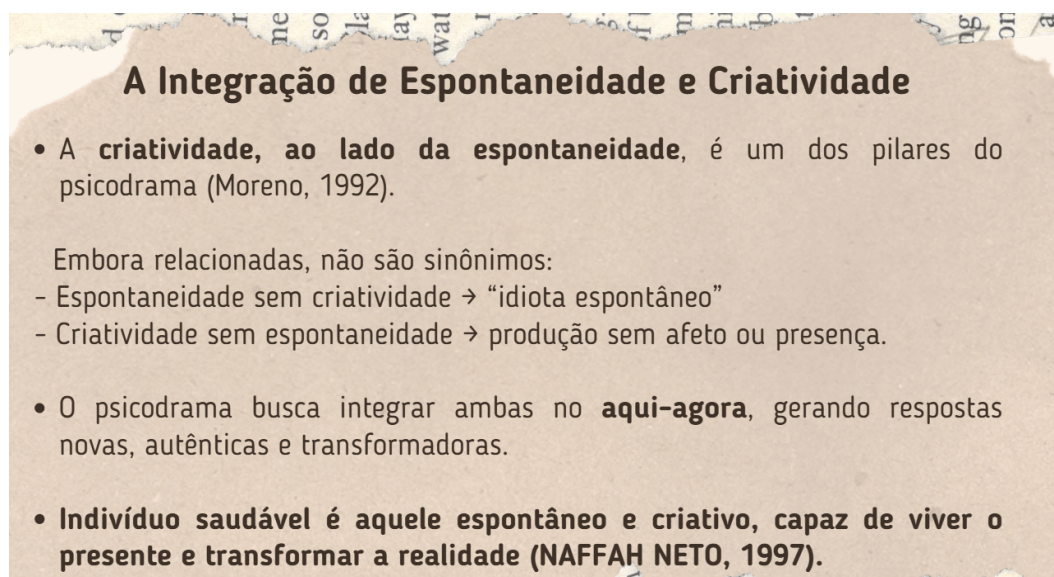


Figura 4 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

6. Para Além da Palavra: Zerka e a Expressão Não Verbal: Inspirada em Zerka Moreno (2001), essa parte trouxe a importância das linguagens não verbais

(música, gesto, imagem, movimento) como vias legítimas de expressão terapêutica e de produção de sentido, ampliando o conceito de linguagem no contexto psicodramático como explicado no slide 5:

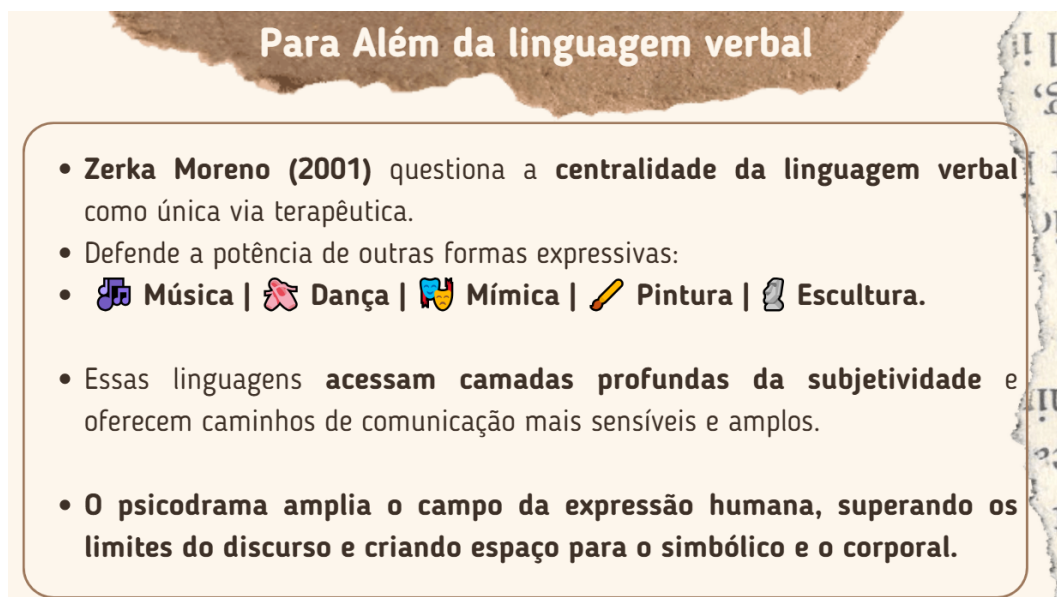


Figura 5 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

7. A Escrita como Desdobramento do Processo Psicodramático: Foi apresentado o percurso que transformou o conto em TCC, e o TCC em aula-vivência. A escrita foi discutida como extensão do palco e instrumento de rematização simbólica, onde a experiência ganha forma estética e poética. A noção de *dobra subjetiva* (Deleuze & Guattari, 1995) foi explorada para ilustrar esse movimento entre o vivido e o escrito conforme slide a seguir:

A Escrita como Desdobramento do Processo Psicodramático

A **imersão no psicodrama** marcou uma **virada na minha relação com a escrita**: ela passou a emergir de cenas imagéticas cheias de sentido para serem **descritas em palavras**.

- Assim como no psicodrama **as cenas** emergem da **realidade suplementar** e são **rematizadas por meio da dramatização**, na escrita essas **imagens internas** ganham **expressão simbólica e poética**.
- A escrita passou a seguir a **lógica do pensamento visual**, como propõe **Lopes (2004)**: **primeiro vêm as imagens, depois a linguagem**.
- Nesse processo, as **cenas passaram a gerar palavras** – e não o contrário – dando origem a narrativas simbólicas que reorganizam e expressam a experiência.
- Essa articulação entre escrita e cena pode ser compreendida como um **desdobramento simbólico, uma dobra subjetiva**.
- O processo de **'recriar a realidade' por meio da escrita**, permitiu **reencontrar a centelha divina** – o **potencial sagrado de construir a própria existência com espontaneidade e criatividade, como sonhava Moreno**.



Figura 6 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

8. Psicodrama, Decolonialidade e Resistência Epistemológica: Foi Discutido as relações entre o pensamento moreniano e as epistemologias decoloniais (Mignolo, 2017; Santos, 2021; Ribeiro, 2023), ressaltando a importância de reconhecer saberes periféricos e corporificados como fontes legítimas de conhecimento. A arte e a escrita foram apresentadas como formas de insurgência epistêmica como descrito no slide 7:

Psicodrama, Decolonialidade e Resistência Epistemológica

- A **decolonialidade** propõe a **ruptura com a lógica eurocêntrica** que historicamente **silenciou saberes originários e subjetivos**.
- O **psicodrama** se alinha a essa perspectiva **ao valorizar a vivência como fonte legítima de conhecimento**.
- A construção do **protagonista desloca o sujeito da passividade** para o protagonismo de sua própria transformação (Grosfoguel, 2007; Nery, 2015).
- A prática **psicodramática se opõe às epistemologias normativas que patologizam ou invisibilizam subjetividades historicamente marginalizadas**.

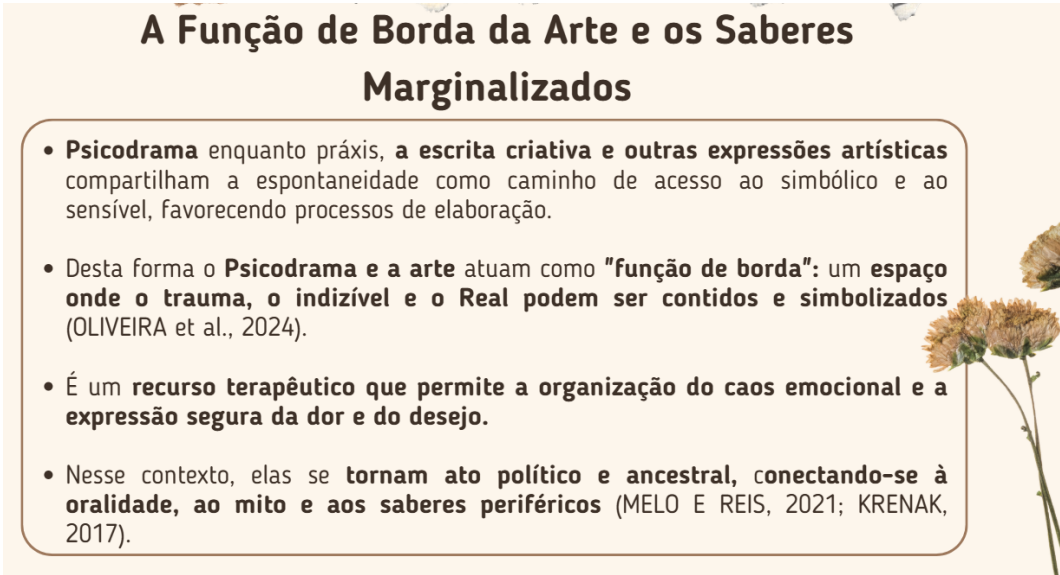


Figura 7 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

9. A Escrita Criativa como Ressignificação e Gênese Ontológica: A partir das experiências vividas, foi possível compreender a escrita como processo

ontológico de criação de si e do mundo (Carvalho, 2003; Castoriadis, 1982). A escrita criativa se apresentou, assim, como um ato psicodramático, uma forma de existir e resistir.

10. A Função de Borda da Escrita e os Saberes Marginalizados: Encerramos com uma reflexão sobre a escrita como borda simbólica entre o Real e o dizível (OLIVEIRA ET AL., 2024). A escrita foi compreendida como contenção, elaboração e também como gesto político e ancestral. O encerramento se deu com a provocação: “O que é ser colonizado?”, convidando o grupo a pensar a colonização não apenas como imposição externa, mas como estrutura internalizada que limita o pensar, o sentir e o criar apresentado no slide 8:



A Função de Borda da Arte e os Saberes Marginalizados

- **Psicodrama** enquanto práxis, **a escrita criativa e outras expressões artísticas** compartilham a espontaneidade como caminho de acesso ao simbólico e ao sensível, favorecendo processos de elaboração.
- Desta forma o **Psicodrama e a arte** atuam como **"função de borda"**: um **espaço onde o trauma, o indizível e o Real podem ser contidos e simbolizados** (OLIVEIRA et al., 2024).
- É um **recurso terapêutico que permite a organização do caos emocional e a expressão segura da dor e do desejo**.
- Nesse contexto, elas se **tornam ato político e ancestral, conectando-se à oralidade, ao mito e aos saberes periféricos** (MELO E REIS, 2021; KRENAK, 2017).

Figura 8 – Slide produzido pela autora para a aula-vivenciada apresentada no EPCO (2025).

4. ECOS DA VIVÊNCIA

A Aula-vivenciada revelou um envolvimento intenso e afetivo desde o aquecimento inicial, de forma a se intensificar ao longo do desenvolvimento da vivência, a destacar que uma atmosfera de curiosidade, abertura e disponibilidade para a experiência foram perceptíveis durante o processo.

A narrativa do conto funcionou como portal para acessar a realidade suplementar, mobilizando imagens internas e cenas simbólicas de cada participante, de modo com que cada um pode ter um contato muito íntimo consigo e suas trajetórias pessoais.

Os solilóquios, esculturas e movimentos corporais favoreceram a expressão de emoções ligadas a perdas, encontros e vínculos de cuidado. A detalhar que a expressão dos solilóquios vieram posteriores a consignas e propostas de realizações de esculturas com o corpo, no decorrer da experiência vivencial, proporcionando a possibilidade de que os participantes entrassem em contato significativo com realidades internas que, de algum modo, pedissem um ato de expressar externo. Corpos, palavras e sentimentos em conexão. As palavras que habitam no corpo, o corpo que estrutura e materializa as palavras através dos sentimentos que tangem a singularidade de cada ser em movimento. A força do grupo a fortalecer participantes que se colocaram mais sensibilizados com a experiência, a trazer à tona dores, palavras e expressões que pedem para sair de dentro de si.

Durante o aquecimento corporal, a diretora convidou o grupo a iniciar uma caminhada livre pelo espaço. A leitura do trecho *“Rosa sentia a necessidade urgente de romper os limites do espaço e do tempo”* serviu como chamada simbólica para o movimento. Aos poucos, os participantes foram sendo conduzidos pela consigna *“Como o seu corpo se move quando sente necessidade de romper um limite?”* e passaram a se deslocar conforme o ritmo interno que emergia em cada um. Os passos tornaram-se expressões de escuta e presença, revelando corporalmente o desejo de expansão, de liberdade e de encontro com o próprio fluxo vital.

Na sequência, foi realizada a fase “A estação de trem, preparativos para a viagem”, introduzida pela leitura do trecho do conto:

“Rosa caminhou em direção à estação de trem, carregando consigo o desejo de uma travessia. Cada passo era também uma escolha: deixar para trás o que a aprisionava e se abrir ao desconhecido.”

Após a leitura, os participantes foram convidados a caminhar livremente pelo espaço, conectando-se com o próprio ritmo interno e com a sensação de preparar-se para uma travessia simbólica.

Os movimentos que emergiram foram diversos: alguns caminhavam em passos mais contidos e apreensivos, enquanto outros se permitiam alongar o corpo, fechar os olhos e iniciar um mergulho sensível no aqui-e-agora. Esse momento permitiu que cada pessoa encontrasse, a partir do corpo, sua própria forma de entrada na experiência.

Em seguida, a partir das consignas “*Eu embarco levando...*”, “*Eu me sento ao lado de...*” e “*Eu espero encontrar...*”, emergiram solilóquios espontâneos, ditos em voz alta, que permitiram que cada pessoa desse voz à sua experiência subjetiva de partida, espera e encontro.

Na etapa “O encontro com os viajantes e As diferenças”, a leitura do conto conduziu o grupo a um novo momento de travessia:

“No vagão, Rosa se deparou com pessoas estranhas, cada uma trazendo consigo histórias, olhares e objetos que revelavam mundos diversos. Sentiu, a princípio, estranhamento, mas logo percebeu que eram companheiros de viagem, cada um com sua forma singular de existir.”

Após a leitura, os participantes foram convidados a refletir a partir da consigna:

“Lembre-se de alguém que entrou na sua vida trazendo diferenças. Como foi esse primeiro encontro? Como essas diferenças te transformaram?”

Em seguida, o convite foi ampliado para o aqui-e-agora do grupo, estimulando a percepção das diferenças presentes na própria vivência compartilhada

Na etapa “O túnel – A travessia para dentro”, o grupo foi conduzido pela leitura do trecho:

“O trem entrou em um túnel longo e escuro. Rosa sentiu um frio na espinha, como se adentrasse também em suas próprias sombras. O tempo parecia suspenso, e dentro dela velhas dores despertaram.”

À medida que a narrativa avançava, tornou-se perceptível no grupo uma mudança sensível no campo emocional. O silêncio se adensou e, pouco a pouco, sinais corporais de entrega e vulnerabilidade começaram a emergir. Em alguns participantes, observou-se uma respiração mais curta e ofegante, indicando o contato inicial com a ansiedade despertada pela travessia simbólica. Outros

soltavam pequenos suspiros, como se buscassem espaço interno para permitir que a experiência acontecesse.

Havia também quem mantivesse os olhos cerrados com intensidade, inclinando levemente o corpo para frente, numa postura de recolhimento e mergulho interior. Mãos trêmulas, ombros que desciam lentamente, movimentos mínimos de abrir e fechar as mãos, todos esses gestos indicavam o esforço silencioso de cada participante para permanecer no túnel simbólico, atravessando suas próprias sombras.

A insegurança própria de uma experiência nova coexistia com um desejo palpável de entrega. Era possível perceber, no campo grupal, um movimento oscilante entre receio e coragem, entre o impulso de recuar e o convite interno para avançar. Esse clima emocional constituiu o terreno fértil para que o trabalho simbólico se aprofundasse, permitindo que cada pessoa acessasse, à sua maneira, imagens internas e conteúdos significativos emergidos da realidade suplementar.

Com os olhos fechados, os participantes foram guiados em uma fantasia dirigida, permitindo-se mergulhar nas próprias imagens internas e nas sensações evocadas pelo túnel.

A consigna “*Que sombras aparecem para você agora? O que desperta no silêncio da escuridão?*” convidou à entrega e à escuta do que emergia da realidade suplementar, corporificando o sentimento de atravessar as próprias profundezas.

Em seguida, cada participante foi orientado a expressar esse contato por meio de uma escultura que traduziu corporalmente as emoções e movimentos internos vividos.

Na etapa “A cena dramática – O encontro com a mãe”, foi lido o trecho:

“O trem seguia pelo túnel, e Rosa já não sabia distinguir o que era dentro e o que era fora. Um peso tomou conta do seu peito, e memórias vieram como ondas: perdas, silêncios, ausências. Foi nesse limiar entre sombra e claridade que uma figura surgiu com intensidade...”

“Sentada em um trono, estava pessoa muito importante. Mesmo ausente, sua presença era permanente, profunda e telúrica. Ali, no palco da memória, pude chorar e abraçar, reencontrando o amor que nunca se desfaz.”

Em seguida, ainda dentro da escultura, a consigna era para que cada participante fizesse um solilóquio para a sua escultura. Palavras como *saudade, medo, acolhimento, vazio, renascimento e força* emergiram em

sussurros, como pequenas iluminações interiores. Esse movimento verbal fechou a cena interna, articulando corpo, emoção e linguagem, e ampliando o processo de elaboração simbólica já em curso.

Em seguida, a consigna convidou:

“Agora, imagine que ao sair do túnel surge diante de você uma figura que representa amor e cuidado. Aproxime-se dela. Permita-se viver este encontro.”

Essa etapa constituiu o ápice emocional da vivência, configurando-se como uma cena de reconciliação simbólica e elaboração afetiva.

O grupo permaneceu em silêncio por alguns instantes, atravessado por um clima de reverência e emoção compartilhada. Muitos participantes apresentaram expressões visivelmente comovidas, alguns com lágrimas nos olhos, revelando o reencontro afetivo com personagens internos essenciais à própria matriz de identidade.

No espaço simbólico do “palco interno”, a presença dessas figuras de amor e cuidado foi vivida como ato de rematização emocional, permitindo a integração de vínculos fundantes e a ampliação da percepção do próprio self em relação à ancestralidade e à permanência do afeto.

No final da etapa de escultura e palavra, formou-se espontaneamente uma roda de integração. Os participantes, ainda atravessados pelas imagens internas despertadas, se entreolharam em silêncio, como quem reconhece no outro algo de si.

Foi então que uma das participantes, uma estudante de Psicologia, começou a chorar de maneira compulsiva. Seu choro não era apenas expressão de dor, mas de liberação; um movimento profundo que parecia romper um dique interno. Imediatamente, o grupo já entrou em contato télico e se aproximou com cuidado, criando ao redor dela um círculo de acolhimento silencioso. A diretora garantiu a sustentação do campo emocional, permitindo que a expressão fluísse sem interrupções, sem necessidade de explicação imediata.

Quando conseguiu falar, entre respirações curtas e emocionadas, a participante relatou que havia tido uma semana extremamente difícil em seu trabalho, um emprego que não lhe trazia sentido, mas que era necessário para manter seus estudos e sustentar a própria travessia universitária. Disse que, ao longo de toda a semana, o que a sustentava era lembrar que, ao final daquela rotina exaustiva, poderia vivenciar o EPCO. Tinha expectativas, mas não imaginava que a

vivência seria tão intensa e que a levaria a um encontro tão profundo consigo mesma.

Em seu relato, destacou sentir-se revitalizada, como se a experiência tivesse devolvido algo que estava se perdendo no cotidiano: energia, propósito, determinação e confiança. Afirmou sentir-se confirmada em seu caminho profissional, ainda em formação, reconhecendo que, apesar de precisar trabalhar em algo que não lhe traz significado, estava disposta a sustentar esse processo porque a Psicologia e o Psicodrama lhe acendiam sentido e futuro. Contou também que havia viajado por horas, junto a um grupo de estudantes, para participar do congresso, e que naquele momento sentia que cada quilômetro percorrido havia valido a pena. Seu relato contagiou silenciosamente o grupo, que se viu refletido em sua vulnerabilidade e força. A roda transformou-se, então, em um espaço de testemunho coletivo, no qual a emoção compartilhada reforçou a percepção de pertencimento, sentido e potência da experiência vivida.

Visando a permanência deste estado “O cuidado coletivo e rematização simbólica”, foi lido o trecho:

“Ao acordar, percebi que ao meu redor estavam todos os meus amigos viajantes. Cada um com seus objetos poderosos, realizando o que sabiam fazer de melhor. Com instrumentos mágicos de amor, cuidaram de mim, curaram minhas feridas, me devolveram à vida.”

Em seguida, a consigna orientou:

“Escolha agora um gesto de cuidado mágico e ofereça ao grupo. Pode ser um movimento, um toque simbólico ou um gesto imaginário de cura.”

Logo após, cada participante recebeu uma pétala de papel e foi convidado a escrever ou desenhar uma palavra que representasse sua centelha de vida, algo que florescia dentro de si naquele momento da viagem simbólica. As pétalas foram então colocadas no centro do grupo, formando o “Jardim Coletivo de Rosa”.

Essa cena final simbolizou a elaboração e a rematização grupal, possibilitando o contato télico entre os participantes, um reconhecimento sensível e mútuo de estarem todos no mesmo trem, compartilhando a travessia de Rosa e a própria travessia pessoal de cada um.

Foi enfatizado que a escrita não precisava ser lida nem compartilhada, para preservar o espaço íntimo de expressão e permitir que cada um pudesse escrever livremente, com autenticidade e espontaneidade. As palavras, guardadas com

carinho, permaneceriam como lembranças vivas desse encontro, tanto na realidade suplementar acessada pela fantasia dirigida quanto na realidade presente do grupo, naquele instante de encontro humano e simbólico.

A vivência reafirmou o potencial da escrita criativa e do Psicodrama como práticas de elaboração simbólica e resistência epistemológica. A intersecção entre arte, corpo e palavra possibilitou que a experiência se tornasse espaço de rematização afetiva e produção de sentido. A aula-vivência configurou-se, assim, como um exercício de autoetnografia viva onde cada participante pôde se tornar autor e protagonista de suas próprias travessias internas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência reafirmou o Psicodrama como território vivo de integração entre teoria e prática, corpo e palavra, ciência e arte. A condução da aula-vivência mostrou que, quando a narrativa emerge do vivido e é acolhida como linguagem estética e simbólica, o ensino se transforma em um espaço de coautoria e rematização.

O conto *A Viagem de Rosa*, nascido do encontro entre a dor e a criação, revelou-se um dispositivo pedagógico e terapêutico capaz de mobilizar afetos, acessar a realidade suplementar e legitimar a escrita criativa como prática de elaboração e resistência epistemológica. A leitura afetiva, conduzida de forma telicamente compartilhada, permitiu que o grupo se reconhecesse no espelho da história, um encontro entre o pessoal e o coletivo, entre o eu e o nós.

No compartilhamento final, emergiram palavras e gestos de acolhimento, fortalecendo a experiência de pertencimento grupal. Encontro entre pessoas e partilhas.

A vivência reafirmou a potência da escrita criativa como dispositivo de elaboração, resistência epistemológica e produção de sentido no Psicodrama e, quiçá é possível afirmar, na vida.

Este relato, desdobramento do TCC que resultou na certificação de Nível I pela FEBRAP em 2025, também marca um movimento de continuidade e aprofundamento na formação de Nível II. Ao compartilhar minha trajetória, reafirmo que ensinar e pesquisar em Psicodrama é ato de criação e resistência, em que a

arte, a escrita e a vivência se entrelaçam para construir modos mais humanos, sensíveis e plurais de produzir conhecimento.

8. REFERÊNCIAS

BOCHNER, Arthur P. *Criteria against ourselves*. Qualitative Inquiry, v. 7, n. 2, p. 212–226, 2001.

CARVALHO, Maria Eulina Pires de. *O sujeito e a escrita: modos de subjetivação na linguagem*. São Paulo: Cortez, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ELLIS, Carolyn. *The ethnographic I: a methodological novel about autoethnography*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2004.

LOPES, José Roberto. *O pensamento imagético e a linguagem simbólica no psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2004.

MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. Tradução de Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 32, n. 94, jun. 2017, p. 1-18.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá?: fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. 3. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 1992.

MORENO, Zerka. (2001). *A Realidade Suplementar e a Arte de Curar*. São Paulo: Ágora.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

VASCONCELOS, M. F.; et al. *Psicodrama, poesia e ciência: escritas insurgentes*. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 31, n. 2, p. 45-60, 2023.

